

RUA DOS CAMAIURÁS

Decreto nº 4976 de 28-10-1976, Artigo 2º, Inciso XIV
Formada pela rua 14 da Vila Costa e Silva
Início na rua dos Maracatins
Término na rua dos Imarés
Vila Costa e Silva

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Lau-
ro Péricles Gonçalves. Protocolado nº 17.054 de 01-07-1976 em nome de
Administrações Regionais.

CAMAIURÁS

Entre as muitas tribos que formam a área cultural do Xingú, ali se encontram os Camaiurás. Em geral podem ser encontrados nas nascentes do rio Culuene, um dos formadores do rio Xingú. Os índios Camaiurás moram nas margens das lagoas, nos chapadões do norte de Mato Grosso. Nessa região existem muitas lagoas, que possuem um manancial de peixes, o principal alimento da tribo. Esses indígenas não comem de a n i m a i s de sangue quente, se acostumaram, o que hoje se constitui em h á b i t o, de só comerem carne dos de sangue frio, restringindo a peixes e tartarugas. Não comem aves, nem animais de p ê l o. Todavia, costumam c a ç a r, como é o caso da capivara, para fazer instrumentos cortantes com seus dentes. Das aves utilizam as penas para a confecção de enfeites plumários, muito apreciados por índios de outras tribos e por v i s i t a n t es. Duas são as especialidades dos índios Camaiurás: a pesca, que é ó b v i o, é das mais desenvolvidas, inclusive com arco e flecha, com os quais são peritos, e os arcos, que primam em sua feitura, sendo d i s p u t a d i s s i m os entre os visitantes. Além do peixe, os Camaiurás se alimentam com os produtos de sua agricultura rudimentar: mandioca e milho. O u t r o aspecto que chama a atenção na sociedade camaiurá é a construção de suas malocas, enormes, vistosas, medindo 20m de comprimento, 10m de largura e 6m de altura. Na maloca, são construídas uma parede externa e outra interna, paralelas, formando um corredor de ventilação entre ambas, mantendo o ambiente confortável, quer no inverno como no verão. As redes são colocadas em círculo e a maloca abriga várias famílias biológicas, formando uma grande família, que é dirigida por um ancestral comum, do sexo masculino, muito respeitado. Várias malocas formam uma aldeia. Na aldeia não existe chefe único, mas os vários chefes das malocas, compondo um colegiado, que governa a aldeia.

RUA DOS CAMAIURÁS
(Dec. 4976 de 28-outubro-1976)

Usos e Costumes

AS TRIBOS DO XINGU

Na área cultural indígena do Xingu, localizam-se muitas tribos: aueti, bacairi, camaiurá, cuicuro, calapalo, caiabi, naficuá, meinaco, juruna, suiá, trumai, tuxu carramãe e uaurá.

Muitas já não existem mais, devido ao contato com a civilização. As sobreviventes estão classificadas conforme o seu grau de aculturação.

(Extraído da página 324, do livro "Brasil - Histórias, Costumes e Lendas", da Editôra Três, obra publicada em 20 fascículos. Texto de Alceu Maynard Araújo).

RUA DOS CAMAIURÁS

Decreto nº 4976 de 28-10-1976



ARTIGO 2.º — Ficam denominadas as vias públicas da VILA COSTA E SILVA:

I — RUA DOS AIMORÉS — a Rua 1 que tem início na Rodovia Campinas-Barão Geraldo e término na Avenida 1 — Jardim Santa Genebra 1.ª Parte.

II — RUA DOS ANAPURUS — a Rua 2 que tem início à Rua 40 e término na Rua 38, ambas da Vila Costa e Silva.

III — RUA DOS ARATÁS — a Rua 3 que tem início à Rua 35 e término à Rua 30, ambas da Vila Costa e Silva.

IV — RUA DOS ARAPANÊS — a Rua 4 que tem início à Rua 40 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

V — RUA DOS ARAÊS — a Rua 5 que tem início à Rua 40 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

VI — RUA DOS AUETÊS — a Rua 6 que tem início à Rua 40 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

VII — RUA DOS APIACÁS — a Rua 7 que tem início à Rua 40 e término à Rua 37 da Vila Costa e Silva.

VIII — RUA DOS AIPUÁS — a Rua 8 que tem início à Rua 40 e término à Rua 37 da Vila Costa e Silva.

IX — RUA DOS AICUXUNAS — a Rua 9 que tem início à Rua 40 e término à Rua 37 da Vila Costa e Silva.

X — RUA DOS AÇOCES — a Rua 10 que tem início à Rua 34 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

XI — RUA DOS ARUAQUES — a Rua 11 que tem início à Rua 34 e término à Rua 30 da mesma Vila Costa e Silva.

XII — RUA DOS BAROROS — a Rua 12 que tem início à Rua 34 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

XIII — RUA DOS CAMURIS — a Rua 13 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XIV — RUA DOS CAMAIURÁS — a Rua 14 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XV — RUA DOS CANINGÁS — a Rua 15 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XVI — RUA DOS CARAJÁS — a Rua 16 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XVII — RUA DOS CAIABIS — a Rua 17 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XVIII — RUA DOS CAXINUÁS — a Rua 18 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XIX — RUA DOS CAETÊS — a Rua 19 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XX — RUA DOS CARIJÓS — a Rua 20 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XXI — RUA DOS CATAGUASES — a Rua 21 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XXII — RUA DOS CHANÊS — a Rua 22 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XXIII — RUA DOS CARINÁS — a Rua 23 que tem início à Rua 36 e término à Rua 29 da Vila Costa e Silva.

XXIV — RUA DOS CAIAPÓS — formada pelas Ruas 24 e 25 da Vila Miguel Vicente Cury, tendo início à Rua 36 da Vila Costa e Silva e terminando à Rua 7 da Vila Miguel Vicente Cury.

XXV — RUA DOS GUARANIS — a Rua 25 que tem início à Rua 36 e término à Rua 29 da Vila Costa e Silva.

XXVI — RUA DOS GUAIANASES — a Rua 26 que tem início pela própria Rua 26 e pela 22 da Vila Miguel Vicente Cury, começa na Rua 36 e termina à Rua 5 da Vila Miguel Vicente Cury.

XXVII — RUA DOS GUARAMOMIS — a Rua 27 que tem início à Rua 36 e término à Rua 29 da Vila Costa e Silva.

18557 — Poeta — a Rua 46 que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XXIII — RUA JOÃO FRANCISCO LISBOA (1812 — 1863) — Escritor — a Rua 49, que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XXIV — RUA VISCONDE DE INHOMERIM — (1812 — 1876) — Jornalista e Escritor — a Rua 50 que tem início à Rua 46 e término à Rua 49 do mesmo loteamento.

XXV — RUA MARTINS PENA (1815 — 1848) — Escritor — a Rua 51 que tem início à Rua 42 e término à Rua Alfredo Borges Teixeira.

RUA. DOS CAMAIURÁS

(Denominação dada pelo ítem XIV, Artigo 2º, do Decreto nº 4976, de 28 de outubro de 1976, à Rua 14 da Vila Costa e Silva, que tem início à Rua 41 e término na Rua 34 da Vila Costa e Silva. Esta Rua 34, passou a ser denominada R. dos Imarés, pelo mesmo decreto - ítem XXXIV)



A Casa

A MALOCA CAMAIURÁ

Os índios camaiurá moram nas margens das lagoas, nos chapadões do norte do Mato Grosso. Nas nascentes do rio Cu-luene, um dos formadores do Xingú.

As muitas lagoas desta região possuem uma enorme quantidade de peixes, que constituem o alimento principal da tribo.

Alimentam-se também com os produtos de uma agricultura rudimentar: de mandioca e milho.

MALOCAS REFRIGERADAS NATURALMENTE

Constróem suas casas não muito longe da lagoa e da roça. Existem muitas malocas do tipo elítico em outras tribos desta região, mas nenhuma delas tem a beleza e é mais vistosa do que a maloca dos camaiurás. Medem uns vinte metros de comprimento, 10 de largura e 6 de altura.

A vida dentro da maloca é muito agradável, devido a sua construção de parede dupla. Colocam uma parede interna e outra externa, havendo ventilação entre as duas. Este sistema mantém o ambiente confortável, no frio ou no calor.

O INTERIOR DA MALOCA

No centro da maloca há dois postes. Em torno destes ficam as redes em círculo.

As varas, solidamente fincadas no solo, arqueiam em cima e são amarradas para formar o arcabouço da casa, ficando suavemente curva e abobadada. A cobertura e as paredes são de palha.

A maloca é bem grande porque abriga várias famílias biológicas, que formam uma grande família. Esta grande família é dirigida por um ancestral comum, do sexo masculino, que é muito respeitado.

Várias malocas formam uma aldeia.



RUA DOS CAMAIURÁS

Na aldeia não há um chefe único, mas os vários chefes de cada maloca. Compõem uma espécie de colegiado, que governa a aldeia.

Armas

OS ARCOS PERFEITOS

Os índios camaiurá não comem animais de sangue quente, só os de sangue frio (peixes e tartarugas). Não comem aves nem caças de pelo. Embora possam caçá-los para fazer instrumentos cortantes com os seus dentes, como é o caso da capivara.

Utilizam também as penas das aves para fazer enfeites plumários.

A pesca é muito desenvolvida entre eles, sob várias formas, inclusive com o arco e flecha.

OS ARCOS DOS CAMAIURÁ

Uma das especialidades dos índios camaiurá é o preparo dos arcos, que trocam por colares, panelas e outros objetos, com as demais tribos da região.

As flechas cuidadosamente preparadas são de um equilíbrio notável, sendo um instrumento altamente preciso.

AS TROCAS

É por ocasião das festas de iniciação na aldeia, quando convidam outras tribos vizinhas para a festança, que se realizam as trocas.

É uma verdadeira permuta, barganha, daquilo que cada tribo se especializa em fazer.

Os arcos dos índios camaiurá são disputadíssimos pelos visitantes.

(Extraído de fls. 298 e 299, do livro "Brasil - Histórias, Costumes e Lendas", da Editora Três, obra publicada em 20 fascículos. Texto de Alceu Maynard Araújo)

RUA DOS CAMAIURÁS
(Dec. 4976 de 28-outubro-1976)



Usos e Costumes

AS TRIBOS DO XINGU

Na área cultural indígena do Xingu, localizam-se muitas tribos: aueti, bacairi, camaiurá, cuicuro, calapalo, caiabi, naficuá, meinaco, juruna, suiá, trumai, tuxu carramãe e uaurá.

Muitas já não existem mais, devido ao contato com a civilização. As sobreviventes estão classificadas conforme o seu grau de aculturação.

(Extraído da página 324, do livro "Brasil - Histórias, Costumes e Lendas", da Editôra Três, obra publicada em 20 fascículos. Texto de Alceu Maynard Araújo).